

Um produto certificado com a Marca Açores Melo da Graciosa está em risco de desaparecer por causa dos transportes marítimos

A Melo da Graciosa é um produto que, na sua época, tem presença marcada na mesa dos açorianos.

Seja pelas características organolépticas ou pelas propriedades intrínsecas, a verdade é que a meloa que na Graciosa se produz não é comparável – não por ser melhor ou por ser pior – a qualquer outra meloa conhecida.

Talvez aquela terra, de natureza vulcânica, seja pela milenária exposição aos sóis, ventos e chuvas, seja pelo amanhã que os homens lhe dão, tenha transmitido ao fruto algo que o torna singular, na sua textura e no seu sabor, que o distingue dos demais.

A produção de meloa tem vindo a subir em crescendo, mas, com problemas que, desde há dois a três anos a esta parte, têm vindo a surgir no seu escoamento, os produtores é que não têm em crescendo o ânimo para continuar a apostar na cultura como o vinham fazendo, temendo pelo futuro da mesma. Se não forem encontradas soluções está em risco a possibilidade de a meloa da Graciosa chegar à mesa dos consumidores dos Açores, da Madeira e do continente.

Ainda há quem se acomode...

O porta-voz desta apreensão tem sido João Manuel Correia Picanço, Presidente da Adegas e Cooperativa Agrícola da Ilha Graciosa, já que é a Cooperativa que impulsiona a cultura, e é ela, também, a grande dinamizadora da promoção desta meloa nas restantes ilhas da Região e também da Madeira e no continente.

A exportação para S. Miguel e para a Madeira, e também para o continente, tem vindo a ser assegurada sobretudo pela Boxline. Descontando alguns contratemplos, esta linha de escoamento tem vindo a funcionar, se bem que a distanciada periodicidade das ligações não seja de molde a que a meloa consiga conquistar grande faixa de mercado nestes destinos.

Para as ilhas do Grupo Central é que a situação se tem vindo a agravar, ano após ano...

“TMG” não conseguem ser resposta às pretensões da Graciosa

A parceira da Cooperativa para estas ilhas é, preferencialmente, a empresa TMG – Transportes Marítimos da Graciosa. O problema é que, desde há algum tempo a esta parte, a garantia da regularidade das viagens, dos itinerários e dos horários dos TMG não têm sido uma constante, o que tem constituído uma autêntica dor de cabeça para João Manuel Picanço, pois o produto, quando atinge a maturação, ou é escoado ou apodrece – não contempora atrasos de barcos nem ficar retido numa ilha à espera de viagem do barco para seguir para a outra e, então, são



João Picanço diz que, em primeiro lugar, estão os interesses dos associados da cooperativa

os produtores e empresários graciosenses que ficam com o prejuízo em casa.

A Cooperativa encontrou na Atlânticoline uma alternativa possível. Porém, pela natureza e pela periodicidade do transporte que asseguram, os barcos desta empresa não são a resposta eficaz de que a Graciosa precisa para o escoamento dos seus produtos.

No entanto, o Presidente da Cooperativa vê, na Açorline, a solução mais natural, já que os ETG são uma empresa privada, são eles que têm o direito de gerir o seu negócio como o entenderem mais rentável, e não se podem desviar do objectivo de rentabilização da empresa, não se comprometendo por isso com viagens que irão ou não fazer durante a campanha, nem com os respectivos itinerários ou horários. Infelizmente, acrescenta, apesar de ser uma empresa histórica da ilha, que na Graciosa e nos graciosenses tem o seu radical e o seu suporte, nada se lhes pode exigir, pois são eles e não outros que gerem o seu negócio.

Recorde-se que a meloa da Graciosa só produz de meados de Julho a meados de Setembro pelo que, diz-nos João Manuel Picanço, não obstante tanta contingência este ano, apesar da indefinição quanto ao escoamento, não tiveram outra hipótese senão arriscar com a continuidade da produção.

Trabalhar mesmo no escuro

Assim, já compraram as sementes e prepararam-se para as envasar em cusetes, por estes dias. As que tiverem vingado serão replantadas na terra, entretanto amanhada,

João Picanço: “As minhas ideias ficam nos papéis. Estas são as ideias do povo que em mim confia. Se aqueles a quem as dirijo se reveem nelas, se as acolhem ou não, é problema deles. Mas das decisões que tomarem, não tenham dúvidas de que depende um nicho de desenvolvimento e de progresso económico de uma actividade “Marca Açores”, como é a meloa da Graciosa”

daqui por mês e meio e, depois, é esperar por condições climáticas boas para que boa seja também a meloa que começará a amadurecer no princípio do Verão.

Quanto ao escoamento, espera que, até que ele se afirme como imperioso, determinante e urgente, os escolhos e os emperamentos sejam transpostos. Nesta perspectiva, diz João Picanço estar esperançado na melhor cooperação de todas e entre todas as entidades privadas e públicas, empenhadas - e inevitavelmente comprometidas – com o progresso da Graciosa e com

a economia saudável dos graciosenses, que têm na meloa não só um “emblema” da ilha como, igualmente, um dos seus produtos, mais apelativos, de maior dimensão e com maior projecção, no exterior da ilha.

Para o Presidente da Adegas e Cooperativa Agrícola da Ilha das Flores, todas estas indecisões, todos estes interesses desconjuntados, se forem convenientemente articulados poderão ter uma solução simples: “Na vida como em todas as coisas, manda quem pode e obedece quem deve: O Governo Regional não pode ficar indiferente a esta situação. Tem que a encarar de frente, ciente das responsabilidades que tem para com o povo açoriano, de que os graciosenses são parte integrante”.

Articulação sinérgica nas capacidades de transporte

E, a partir deste raciocínio, João Manuel Picanço propõe uma solução pragmática: “Para já, o Governo Regional, com o povo açoriano ao seu lado, tem o dever, a responsabilidade, a prerrogativa e a obrigação de olhar, com igual medida, os interesses de todo o tecido empresarial açoriano face aos superiores interesses do seu próprio povo: O povo é a razão de ser não só do Governo e das suas instituições, como, igualmente, do seu tecido empresarial, que não tem razão de existir se não houverem populações para a todos servir. Tanto o sector estatal como o sector privado têm de pôr de lado as suas razões particulares e os seus interesses corporativos, abstendo-se de assumir, acima de tudo e de todos, a supremacia, os interesses e ambições de quem mais pode, para, ao invés, se focarem nos superiores interesses do povo açoriano e das agremiações cívicas que dele próprio emanam.

Daí que João Manuel Picanço, um lutador nato, não hesite acerca do desfecho que espera para este imbróglio, enumerando-nos, de uma forma esquemática, os passos a dar, os quais aqui procuramos reproduzir:

Soluções à vista – a virtude das negociações

“1. Para começar, o Governo Regional tem que convidar para uma reunião, por ele liderada através de um dirigente que saiba do mister, que tenha capacidade de diálogo e que saiba pôr em cima da mesa as questões em equação;

2. Depois, com uma agenda única – a de agilizar os mecanismos de transporte da meloa da Graciosa para os seus mercados preferenciais – ouvir o que cada um tem a dizer sobre o problema e os contributos com que pode concorrer para a sua solução;

3. Compatibilizar e, na medida possível harmonizar, numa única proposta, as suges-